

Nossas Marias Quitérias

Nanci Leonzo*

Além de denunciar a pouca importância dada pelos nossos historiadores e intelectuais à participação da mulher brasileira nos campos-de-batalha em tempos litigiosos, o artigo informa sobre a atual política de incorporação da mulher nos efetivos das nossas Forças Armadas.

"A history which is designed 'only' for jews (or African-Americans, or Greeks, or women, or proletarians, or homosexuals) cannot be good history, though it may be comforting history to those who practice it".
(Eric Hobsbawm - *On History*, London: Weidenfeld & Nicolson, 1997.)

Dentre as brasileiras biografadas por Joaquim Norberto de Sousa e Silva, em 1862, estão aquelas que combinaram armas e virtudes, quais sejam, as que se destacaram na luta contra os holandeses, como Clara Camarão, a paulista Rosa Maria de Siqueira que,

durante uma viagem para Lisboa, em fins de 1713, enfrentou corsários argelinos, e Maria Úrsula de Abreu Lencastre, cuja ousadia merece ser mencionada. Ela simplesmente abandonou a casa paterna e embarcou para Portugal, assentando praça de soldado em 1º de setembro de 1700, sob o nome de Balthazar do Coito Cardoso. Após mais de uma década na Índia, onde prestou serviços ao Estado português, casou-se.¹ Ao trocar a *vida guerreira pela pacífica* garantiu seu espaço no rol das mulheres dignas de respeito e admiração.

Nenhuma dessas mulheres, entretanto, superou, na opinião de nossos compa-

triotas, a coragem de Maria Quitéria de Jesus Medeiros. Como Maria Úrsula, fugiu da casa dos pais, vestiu-se de homem e tornou-se guarda do quartel do regimento de artilharia, passando, depois, para o batalhão de caçadores, denominado *Voluntários do Príncipe D. Pedro*. Na chamada *Guerra da Independência*, conduziu um corpo constituído por baianas que repeliu, na barra do Paraguaçu, as tropas metropolitanas. Pacificada a Bahia, D. Pedro condecorou-a com a Imperial Ordem do Cruzeiro e, em seguida, concedeu-lhe, em retribuição aos feitos, um soldo equivalente ao recebido por um soldado de linha.²

* Professora Associada do Departamento de História da FFLCH da USP e coordenadora do Projeto História Militar Brasileira do Núcleo de Análise Interdisciplinar de Políticas e Estratégias da USP (NAIPPE).

1. SILVA, Joaquim Norberto de Souza e - *Brasileiras Célebres*. Rio de Janeiro; Paris: Livraria de B.L. Garnier, 1862, p. 83-99.

2. Idem, p. 209-216 e 224.

Poucos anos depois de Joaquim Norberto, Pereira de Melo procurou integrar à construção do imaginário nativista a mulher pernambucana, tomando como referência o combate aos holandeses.³ Mais uma vez aquelas dotadas de *ânimo varonil* foram lembradas e, assim como nos escritos dos séculos anteriores sobre a *guerra brasílica*, comparadas às heroínas da antiguidade, o que explica o sucesso alcançado entre as escritoras brasileiras oitocentistas, como Narcisa Amália e Amália Figueirôa, dentre outras, do livro *Aristocracia do Gênio e da Beleza Feminil na Antiguidade*, assinado pelo português José Pal-

mella. Nele, são retratadas várias figuras femininas, dentre as quais é possível encontrar Cleópatra, e ressaltados os atos heróicos de Semiramis, nascida por volta de 1240 e que teria se notabilizado no antigo império assírio. Palmella é uma espécie de apologista da mulher e, provavelmente, teve poucas leitoras no Brasil, talvez porque a leitura de seu livro foi proibida por D. Pedro de Lacerda, bispo do Rio de Janeiro, sob a acusação de que se tratava de uma obra *imoral*.⁴ Para o dignatário eclesiástico as histórias de vida de mulheres com atribulada vida amorosa não mereciam ser conhecidas e repetidas. Ele nada mais fazia do que preservar os valores morais de uma sociedade onde as senhoras cultas, como demonstrou Gilberto Freyre, apegavam-se, preferencialmente, aos textos românticos de José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo.⁵

A. Austragésilo, na segunda década deste século, tendo como cenário a I Grande Guerra, publicou *Perfil da Mulher Brasileira*, livro no qual exaltou algumas personagens femininas que, em sua opinião, deveriam integrar os *anais da pátria*.

Dentre elas estava, naturalmente, Maria Quitéria, qualificada como *a guerreira impetuosa*. Austragésilo, embora impressionado com a atuação das mulheres durante aquele conflito mundial, em diversas atividades antes restritas aos homens, entendeu que a elas caberia, preferencialmente, funções assistenciais, como as desempenhadas pela *Cruz Vermelha*,⁶ um movimento nascido na Europa e regulamentado, na cidade de Genebra, em 17 de fevereiro de 1863, sob a denominação de *International Committee for Relief to the Wounded in time of war*. No mesmo ano, uma conferência internacional, também realizada naquela cidade suíça, adotou como emblema uma cruz vermelha sobre uma base branca. Tal emblema acabou dando nome ao movimento, até hoje conhecido como *International Committee of the Red Cross* (ICRC).⁷

O destino de nossas Marias Quitérias parecia estar selado. Não havia, desde a segunda metade do século XIX, mais espaço para damas *impetuosas*, como as denominou Austragésilo. Constituído o Estado nacional, as brasileiras bem nascidas estariam, definiti-

3. Ver, a propósito, o magistral livro de MELLO, Evaldo Cabral de - *Rubro Veio. O Imaginário da Restauração Pernambucana*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997, p.232-233.

4. PALMELLA, José - *A Aristocracia do Gênio e da Beleza Feminil na Antiguidade*. 5ª ed. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1876.

5. FREYRE, Gilberto - *Ordem e Progresso*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora; Brasília: INL/MEC, 1974, tomo I, p. 272-273.

6. AUSTRAGÉSILO, A. - *Perfil da Mulher Brasileira (Esboço Acerca do Feminismo no Brasil)*. Porto: Livraria Chardron; Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1923, p. 33-34 e 110-114.

7. A Cruz Vermelha brasileira foi fundada em 5 de dezembro de 1908. Sobre os princípios e atividades do ICRC consultar <http://www.icrc.ch>.

vamente, alijadas de qualquer função diretamente vinculada às atividades bélicas. Foi o que ocorreu com Jovita Alves Feitosa, a qual, ao tomar conhecimento da invasão paraguaia, vestiu-se de homem, fugiu para o Ceará e alistou-se em um batalhão de voluntários. Seus planos frustraram-se no momento em que foi descoberta sua verdadeira identidade. Jamais esteve em um campo-de-batalha, porque, segundo seu biógrafo anônimo, *não era facultado às mulheres combater*.⁸

A Guerra do Paraguai, entretanto, serviu para demonstrar que algumas mu-

8. *Traços Biográficos da Heroína Brasileira Jovita Alves Feitosa, Ex-Sargento do 2º Corpo de Voluntários do Piauí, natural do Ceará, Por Um Fluminense*. Rio de Janeiro: Typ. Imperial, 1865.

9. TAUNAY, Visconde de - *A Retirada da Laguna*. Tradução de Ramiz Galvão. Rio de Janeiro; Paris: A. Garnier Livreiro Editor, 1915, p. 169 e *Memórias do Visconde de Taunay*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 183-184.

10. TAUNAY, Visconde de - *A Retirada da Laguna*, p. 125. Curtas referências sobre as companheiras de combatentes podem, também, ser encontradas em sua obra *Em Mato Grosso Invadido*. São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro: Companhia Melhoramentos, 1929, p. 19, 24 e 25.

11. CERQUEIRA, Dionísio - *Reminiscências da Campanha do Paraguai*. Edição especial. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980, p. 300.

lheres permaneciam à margem das regras impostas pela sociedade patriarcal. Conforme relata o Visconde de Taunay, no episódio conhecido como *Retirada da Laguna*, participaram cerca de seis dezenas, que acompanhavam a coluna, em sua grande maioria a pé, quase todas carregando crianças pequenas, muitas delas ainda em fase de amamentação. Na marcha em direção a Mato Grosso, empreendida com o objetivo de enfrentar os paraguaios, tinham se incorporado à expedição, de acordo ainda com o Visconde, em torno de duzentas mulheres, vindas de São Paulo, Ouro Preto e Uberaba. Eram elas, segundo suas *Memórias, desgraçadas amásias ou legítimas esposas de soldados*.⁹ Os números correspondentes à fase da *Retirada* indicam que muitas não sobreviveram às agruras da campanha.

Os brasileiros que se dedicaram, desde o século XIX, ao estudo da Guerra da Tríplice Aliança, praticamente ignoraram a participação das mulheres nesse conflito. Algumas evidências, contudo, podem ser recuperadas nos textos dos memorialistas. O Visconde de Taunay registrou, com destaque, apenas o

caso da negra Ana, esposa de um soldado, que, durante um ataque da infantaria paraguaia penetrara no campo-de-batalha e rasgara suas próprias roupas para fazer curativos nos feridos, enquanto a maior parte de suas companheiras se escondia debaixo das carretas.¹⁰ Dionísio Cerqueira, além de se referir *aos filhos do regimento*, nascidos e crescidos nos acampamentos, parece ter convivido com figuras femininas mais valentes do que as conhecidas por Taunay:

*Essas mulheres que seguem o exército não tinham medo de coisa alguma. iam às avançadas mais perigosas levar a bóia dos maridos. Nas linhas de atiradores que combatiam encarniçadas, vi-as mais de uma vez, achegarem-se dos feridos, rasgarem a saia em ataduras para estancar-lhe o sangue, montá-los na garupa de seus cavalos e conduzi-los no meio das balas para os hospitais. Algumas trocavam as amazonas por bombachas nos dias de combate, e as pontas de suas lanças formavam os salientes nas cargas dos regimentos.*¹¹

O Voluntário da Pátria, mais tarde, General-de-Bri-

gada Joaquim Silvério de Azevedo Pimentel, que embarcou para a região litigiosa em 21 de maio de 1865 e lá permaneceu até a morte d' El Mariscal López, preocupado em narrar episódios que não constassem das comunicações oficiais, salientou a bravura de duas mulheres, quais sejam, Florisbela e Maria Francisca da Conceição, esta última conhecida como Maria Curupaiti, em alusão à batalha ocorrida em 22 de setembro de 1866, na qual enfrentara, com coragem ímpar, o exército inimigo. Ambas foram lembradas como valentes guerreiras. A primeira, que atuara junto ao corpo do 2º Exército, às ordens do Visconde de Porto Alegre, apesar de ser uma *transviada*, sem nome e sem família, apresentara-se como uma *intrépida soldada*.

12. PIMENTEL, Joaquim Silvério de Azevedo – *Episódios Militares*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, p. 8-9 e 109-110.

13. "Ordem do dia e segunda comunicação feita ao Governo pelo Tenente-General Porto Alegre. Quartel-General no Forte de Curuzu, 10 de outubro de 1866" e "Segunda comunicação oficial do Tenente-General Porto Alegre. Quartel-General no Forte de Curuzu, 10 de outubro de 1866". Documentos publicados por J.M. da Silva Paranhos em Scheider, L. – *A Guerra da Tríplice Aliança*. Tradução de Manoel Thomaz Alves Ferreira. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1902, p. 350-352.

Para Pimentel, se ela tivesse nascido na França ou na Alemanha, teria direito a uma estátua, porém, no Brasil, ninguém reconhecera, apesar da comprovação de mais de dez mil testemunhas, seus atos de bravura. Situação semelhante vivia, em meados da década de 80, a segunda, jovem esposa de um cabode-esquadra do corpo de pontoneiros das forças comandadas pelo referido Visconde. Com apenas treze anos de idade, decidira acompanhar seu marido *a todo o transe* e, para tanto, entregara suas madeixas ao cabeleireiro do acampamento, fizera pregas em uma calça masculina, vestira a parte superior de um uniforme militar e arranjava um boné. Ninguém percebera o disfarce. Em Tuiuti presenciara a morte do amado e jurara vingá-lo. E, na mesma batalha em que combatera a gaúcha Florisbela, participara, incógnita, até ser ferida, na frente, por um soldado da cavalaria paraguaia. O epílogo dessa aventura vivida por uma bela e valente pemambucana não poderia ser outro: com o fim da guerra, deslocara-se para o Rio de Janeiro, onde vivia, ao tempo da escritura deste

relato, aquebrada e sem recursos.¹²

Em Curupaiti, segundo o Visconde de Porto Alegre, os aliados foram rechaçados por cinquenta e oito *bocas de fogo* e treze mil homens de infantaria. O revés, no entanto, servira para motivar ainda mais os combatentes. Vários, em seu entender, mereciam uma promoção. Assim, logo chegou às mãos do Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Guerra, Angelo Moniz da Silva Ferraz, uma relação com os nomes daqueles que mereciam uma recompensa, acompanhada de uma breve descrição de seus feitos.¹³ Poder-se-ia argumentar que estes homens também hoje não são reverenciados, mas, insisto, todos integram os registros oficiais da Guerra da Tríplice Aliança e, a qualquer momento, correm o risco de ser resgatados pelos historiadores, o que não acontecerá, provavelmente, por quase absoluta falta de evidências, com as heroínas Florisbela e Maria Francisca.

Mas o silêncio das fontes não pode ser o único culpado pelo descaso voluntário de nossos intelectuais e, particularmente, daqueles que se dedicaram ao estudo de nossa História Militar. Mesmo

quando há evidências, as mulheres foram – e ainda são – comumente esquecidas. O General Raul Silveira de Melo parece ter sido uma exceção. Ao anotar a obra póstuma do Tenente-Coronel Jorge Maia, também participante da Guerra da Tríplice Aliança, qualificou como *heroínas* cerca de setenta moradoras do Forte de Coimbra, situado às margens do Rio Paraguai, na antiga província de Mato Grosso, as quais, sob ameaça inimiga, passaram uma noite inteira fabricando cartuchos para a infantaria, auxiliando assim os homens envolvidos na difícil missão de manter a posse daquele antigo reduto da expansão colonial portuguesa.¹⁴

Conduta diversa tiveram, nesse particular, os historiadores paraguaios. Já no

14. GUIMARÃES, Tenente-Coronel Jorge Maia de Oliveira – *A Invasão de Mato Grosso*. Apreciação e comentários do General Raul Silveira de Melo; organização e preparo dos originais do Tenente-Coronel Elber de Mello Henriques. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1964, p. 125.

15. O'LEARY, Juan – 3ª ed. Assunción: Carlos Schauman Editor, 1992, p. 377-378. *Historia de la Guerra de la Tríplice Alianza*.

16. *Rugidos de Leones. Desenhos de Valter Bonifazi e escritos de Juan A. Mesa. Homenaje a la reasuncion al mando presidencial del General de Ejército Don Alfredo Stroessner*. Assunción, 15 de agosto de 1968.

início deste século Juan E. O'Leary registrava, em livro até hoje muito valorizado pelos estudiosos locais, que mais de trezentas mulheres acompanharam, durante aquele conflito, o Exército de seu país. Por ocasião da Batalha de Itá-Ybaté, muitas caíram em poder dos brasileiros. Indignado com o suposto comportamento dos vencedores, escreveu:

*Se defendieron como leonas, pelearan y mataron, pero al fin fueron vencidas. Todos aquellos ardientes hijos del trópico saciaron su bárbaro apetito en aquellas trescientas mujeres, cuyos nombres no ha recogido la historia.*¹⁵

A valentia da mulher paraguaia é destacada, também, em livro editado no ano de 1968, com o aval do General-de-Exército Alfredo Stroessner, ao tempo Comandante-Chefe das Forças Armadas da Nação e Presidente Constitucional do Paraguai. Um desenho, o de número 28, retrata *as heroínas de Itá-Ybaté*, combate travado a 27 de novembro de 1868, e é assim explicado na página posterior:

Eran de toda edad y condición, quienes con lanzas,

fusiles, sables y de todo cuanto a mano echáronse al combate con il mesmo espíritu de abnegación, valor y patriotismo que sus esposos, hijos e hermanos.

Lanzas clavadas en el pecho enemigo; fusiles convertidos en mazas y sables tronchando cabezas.

Así luchaban las hijas de esta tierra en defensa de su heredad! Así afrontaban la muerte para salvar a la Patria!

*Así demostraron ser dignas émulas del valor legendario del soldado paraguayo.*¹⁶

Sem negar a utilidade desses textos apologéticos para a sustentação das estruturas de poder vigentes no período em que foram divulgados, julgo que eles trazem algo que sempre nos faltou, qual seja, o entendimento de que o amor à pátria, capaz de conduzir ao campo-de-batalha, não é um sentimento exclusivo do gênero masculino. Ainda mais que, premidas pelas circunstâncias, as mulheres têm o poder de se transformar em Marias Quitérias, Anas, Florisbelas ou Marias Francisas, ao mesmo tempo em que se dedicam ao socorro dos feridos. Nossa historiografia, no entanto, preferiu

tentar imortalizar, dentre as que atuaram nas proximidades do teatro-de-operações da Guerra da Tríplice Aliança, somente uma outra Ana, isto é, Ana Justina Ferreira Neri, que ficou conhecida como *Mãe dos Brasileiros*.¹⁷ Mesmo assim, não alcançou sucesso. Quem hoje é capaz de dizer algo sobre Ana Neri? Quem sabe que ela, conforme atesta um dos primeiros biógrafos de Caxias,¹⁸ depois de ter incentivado o alistamento de seus filhos, partiu para a região conflituosa a fim de socorrê-los, em caso de necessidade, e acabou estendendo seus cuidados aos demais combatentes feridos?

Nossos intelectuais não nos legaram, pois, uma Joana D'Arc até os dias atuais, tão presente na historiografia francesa – nem um conjunto de mulheres cuja simples menção provocasse a recordação de um passado de

lutas patrióticas. Nesse aspecto fomos, flagrantemente, superados pelos nossos antigos inimigos, que cons-

*que a pátria brasileira muito espera, da mestra e mãe, da educadora de moral e de amor.*¹⁹

Nossos intelectuais não nos legaram uma Joana D'Arc até os dias atuais, tão presente na historiografia francesa – nem um conjunto de mulheres cuja simples menção provocasse a recordação de um passado de lutas patrióticas.

truíram, na cidade de Assunção, um monumento em homenagem às suas anônimas heroínas da *Grande Guerra*. Imersos em contextos que não eram, necessariamente, pertinentes à nossa realidade, procuraram, apenas, fazer com que nossas avós e bisavós se tornassem mães abnegadas, conforme pregara o já citado Austragésilo A., o qual, além de defender a atuação da mulher em obras assistenciais, recomendara a preparação dos filhos para a guerra, vista como o *melhor dos grandes males humanos*:

A guerra é o transbordamento da força; contra ela precisamos dos diques, das boas organizações militares, e estas convicções deverão partir da escola primária; e a mulher é conselheira suave e animosa, o estímulo sagrado do caráter do futuro homem. É, pois, da mulher

Tais palavras, escritas conforme acima salientei, sob o impacto da I Grande Guerra, definiram, por bom tempo, o espaço de atuação das mulheres brasileiras, que atravessaram o século certas de que valia à pena, somente, imitar Ana Neri. A produção cinematográfica norte-americana veio reforçar, anos depois, isto é, durante a II Grande Guerra, a pregação sobre o caráter assistencialista da colaboração feminina, no que dizia respeito aos principais problemas locais e mundiais, como é possível observar pelo seguinte texto:

Revista do Globo, Porto Alegre, 09 de junho de 1945
Correio da Revista

Amor de samaritana

A minha grande ambição - talvez oriunda dos tempos atuais e do filme Legião Branca que assisti recen-

17. SANTOS FILHO, Lycurgo – *Medicina no Período Imperial*. In: Holanda, Sérgio Buarque de (org.) – *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967, tomo II, vol. 3, p. 483. *Ana Neri é o patrono da enfermagem no Brasil*.

18. CAMPOS, Padre Joaquim Pinto de – *Vida do Grande Cidadão Brasileiro Luis Alves de Lima e Silva, Barão, Conde, Marquês e Duque de Caxias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1958, p. 161.

19. AUSTRAGÉSILO, A. – Op. cit., p. 113-114.

temente – é ser enfermeira. Acho sublime e nobre minorar o sofrimento do próximo. Entretanto, o meu namorado se opõe a esta carreira. Tenho medo de perdê-lo mais não quero também sacrificar o meu ideal. Ele e eu vivemos brigando, pelas mínimas coisas. O que fazer? Sigo a profissão que me empolga ou fico com meu amor? Tenho 15 anos.

Vali - Porto Alegre.

Não obstante a resposta da consultora sentimental da *Revista da Semana* seja

um texto revestido de muita prudência, espelha, além do poder de fascínio emanado pela imagem cinematográfica, a compreensão de que o auxílio ao próximo, mesmo em países como o Brasil, onde o ofício de enfermeira pouco podia oferecer à mulher em termos de realização pessoal, era visto como algo dignificante:

*Minha amiga. Na sua idade a gente quase nunca sabe o que quer. Se o seu interesse pela enfermagem não for em razão apenas do filme "Legião Branca", então está tudo bem. Mas antes, note que no Brasil essa profissão é parcamente remunerada e que os aventais brancos não são tão bonitos quanto os da 'enfermeira' Veronica Lake... Entretanto, sejamos justos, a profissão é "nobre e sublime" como você diz. Se estiver bem certa de sua vocação, não faça caso do que o namorado disser, nesse ponto sim é muito capaz que você esteja equivocada. Você não acha cedo demais para o amor?*²⁰

Até mesmo aquelas que se integraram à Força Expedicionária Brasileira (FEB) sentiram os efeitos do que denominei *síndrome de Ana Neri*, incentivada, na pri-

meira década deste século, pela brilhante atuação da *Cruz Vermelha*, levada para as telas do mundo inteiro com o objetivo de garantir, através de enredos repletos de paixão e aventura, a passagem dos pressupostos ideológicos do imperialismo norte-americano.²¹ A voluntária paulista, Berta Morais, que partiu para a Itália em agosto de 1944 após frequentar, no Rio de Janeiro, um curso de emergência para formação de enfermeiras militares,²² concluiu a narrativa de suas experiências nos hospitais destinados ao atendimento dos combatentes com a seguinte frase:

*E nunca mais se diga que a zona de combate não é lugar para mulher! Venham ver o que uma enfermeira pode fazer de bom e milagroso a um homem ferido! Muitas e muitas vezes, uma mão carinhosa sobre uma testa escaldante, um lençol bem esticado, um sorriso, uma face de mulher fazem mais pelo ferido do que um litro de plasma.*²³

O depoimento de Elsa Cansansão Medeiros, uma conhecida voluntária, publicado mais de trinta anos depois do final da II Grande

20. Documento gentilmente cedido pelo Prof. Sidney Ferreira Leite, que desenvolve, sob minha orientação, uma tese de doutorado sobre Estados Unidos e Brasil na Política de Boa Vizinhança.

21. Uma boa síntese sobre o assunto pode ser encontrada em FERRO, Marc - *História da Segunda Guerra Mundial*. Tradução Mauro Lando e Isa Maria Lando. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1997, p. 15-19.

22. O quadro de enfermeiras da reserva do Exército foi criado pelo Decreto-Lei 6.997, de 13 de dezembro de 1943. A abertura de inscrições para as voluntárias ocorreu dois meses antes, isto é, em outubro. Centenas de moças teriam se apresentado, mas apenas sessenta e sete foram convocadas. A relação nominal das enfermeiras da FEB está publicada em MORAES, Marechal J.M. Mascarenhas de - *A FEB pelo seu comandante*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1947, p. 288.

23. *Depoimento de Oficiais da Reserva sobre a FEB*. São Paulo: Ipê: Instituto Progresso Editorial S/A, 1949, p. 386.

Guerra, deve ser visto à luz do processo de emancipação da mulher ocidental, fortemente impulsionado pelas campanhas desenvolvidas na América do Norte a partir da década de 60. Trata-se de um texto anacrônico, embora rico de informações, as quais devem ser lidas com muito espírito crítico, pois quem escreve é a Major Elza, sensibilizada com os significativos avanços obtidos, ao longo da segunda metade do século XX, pelas mulheres educadas ou intelectuais:

E foi assim... que a mulher brasileira, conscientizada de que a defesa do território pátrio não é missão exclusiva do sexo masculino, com o romper da contenda procurou uma forma de ajudar e revidar as afrontas recebidas²⁴

Impossível admitir que a *síndrome de Ana Neri* estaria superada, no Brasil, ao final da década de 40. Nesse sentido, o depoimento de Berta

Morais é mais autêntico. Vale também lembrar que, até hoje, esta categoria abstrata *mulher brasileira* não está *conscientizada* de seus deveres com relação ao *território pátrio*. Mas o que torna o interessante depoimento da Major Elza ainda mais anacrônico é o fato de que, na década de 80, a Aeronáutica, a Marinha e o Exército abriram suas portas para as mulheres. Ela, portanto, divulgou suas recordações em um tempo no qual o *machismo brasileiro*, que a teria indignado no passado, fragilizava-se dia-a-dia. E o que é mais importante: tinha, agora, um público leitor preparado para avaliar e prestigiar seu pioneirismo.

Berta e Elza praticaram, sem dúvida, um ato de coragem, sobretudo quando se tem em mente o fato de que ambas tomaram atitudes vistas por boa parte da sociedade brasileira como ousadas. É possível que a partida para a Itália do jovem grupo de enfermeiras tenha gerado uma grande dose de comentários malignos.²⁵ Para muitos, uma moça de boa família jamais abandonaria seus entes queridos para viver e trabalhar em um espaço predominantemente masculino. Essas nossas en-

fermeiras não são heroínas porque se deslocaram para o teatro-de-operações da II Grande Guerra e sim porque decidiram ultrapassar os limites impostos à condição feminina. Difícil imaginar quais teriam sido, por exemplo, as funções da piauiense Jovita caso tivesse chegado aos campos-de-batalha da Guerra da Tríplice Aliança. Seus ardores patrióticos ficaram enterrados no Ceará e, com eles, por quase um século, o direito da mulher prestar diversificados serviços à pátria em tempos litigiosos, onde prevalecem o desespero e, sobretudo, as incertezas.

Interessante também ressaltar o fato de que nossas enfermeiras, pelo menos antes da viagem à Europa, tinham poucos conhecimentos sobre as condições em que se encontravam as mulheres dos países onde a guerra se fazia presente, pois essa triste realidade o cinema, ao que tudo indica, jamais enfatizou. Em Leningrado, por exemplo, dentre os 250.000 cidadãos mobilizados, em outubro de 1941, para a construção de diques ao redor da cidade, destinados a impedir a passagem dos tanques alemães, 75% pertenciam ao sexo

24. MEDEIROS, Elza Cansação - *E foi assim que a cobra fumou*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

25. Segundo o Major Elber de Mello Henriques elas enfrentaram a *incompreensão e a maledicência de uma mentalidade sarracena*. HENRIQUES, Major Elber de Mello - *A FEB Doze Anos Depois*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1959, p. 224.

feminino.²⁶ O árduo trabalho braçal justificava-se pelo temor à hegemonia dos países do Eixo. Elas, provavel-

(..) *chegar tropa da Itália já era coisa vista e não interessava mais. O desejo insopitável era agar-*

Em Leningrado, dentre os 250.000 cidadãos mobilizados, em outubro de 1941, para a construção de diques ao redor da cidade, destinados a impedir a passagem dos tanques alemães, 75% pertenciam ao sexo feminino.

mente, também ignoravam o que vinha ocorrendo na Inglaterra, onde companheiras pertencentes à *Women's Auxiliary Air Force* passaram a trabalhar nas proximidades das zonas de combate, prestando serviços nas bases militares.²⁷ Mas, para todos os efeitos, estiveram em um dos teatros-de-operação da II Grande Guerra e voltaram para a terra natal conscientes de que haviam cumprido uma nobre missão, ainda que não valorizada pelo grosso da população. De acordo com a sincera Berta Moraes, o desembarque teria sido pouco gratificante:

... rar a bagagem o mais cedo possível e sumir. E foi assim que, ali, no armazém 13 do cais do porto do Rio, desliguei-me para sempre, melancólica e silenciosamente do que restava da FEB. Ainda envolvi o 'James Parker' num último olhar de pesar e de saudade: ele representava o ponto final numa história de sacrifícios, sem nenhuma paga, a não ser a consciência do dever cumprido.²⁸

Hoje vivemos em novos tempos de incertezas. Não está em jogo a unidade da pátria, nem a paz mundial e sim a sobrevivência, ou melhor, a luta por um espaço de estudo e trabalho. A *síndrome de Ana Neri* é coisa do passado. Centenas de Marias Quitérias procuram as Forças Armadas e disputam uma vaga que lhes

garantirá aperfeiçoamento profissional e futura independência financeira. No caso do Exército, por exemplo, a inclusão do segmento feminino ocorreu através da Lei 7.831, de 02 de outubro de 1989, que deu origem à criação do *Quadro Complementar de Oficiais*, com a finalidade de suprir, com pessoal de formação superior, as necessidades das organizações militares (OM).²⁹ Um dos cursos mais procurados está sediado em Salvador (Bahia) e é ministrado nas dependências da Escola de Administração do Exército (EsAEx).

O concurso para ingresso no *Quadro Complementar de Oficiais*, nas áreas de Direito, Contabilidade, Administração, Economia, Estatística, Informática, Relações Públicas, Psicologia e Magistério, está aberto para brasileiras até 37 anos de idade e que já sejam graduadas nas áreas acima mencionadas. As aprovadas, que passam por um *exame intelectual, uma inspeção de saúde* e, ainda, um *exame de aptidão física*, iniciam a carreira na EsAEx, para efeito de remuneração e procedência hierárquica, como primeiro-tenente da reserva convocado. Ao término do curso, tornam-se primeiro-

26. KEEGAN, John - *The Second World War*. USA: Penguin Books, 1990, p. 201.

27. STEVENSON, John - *British Society 1914-1945*. England: Penguin Books, p. 174.

28. *Depoimento de Oficiais da Reserva sobre a FEB*. Loc. Cit., p. 385.

29. *Revista Verde Oliva*, Brasília, nº 157, setembro/outubro de 1997, p. 34.

tenente da ativa, podendo atingir o posto de coronel.³⁰ Embora os dados relativos ao ano de 1997 contabilizem apenas trinta e nove mulheres em um total de 104 oficiais-alunos, entendo que, em curto tempo, a presença feminina ganhará relevo, tendo em vista, sobretudo, o salário oferecido, qual seja, cerca de R\$ 1.500,00, sem dúvida relevante, tendo em vista a média do nosso mercado de trabalho.

A Escola de Saúde do Exército (EsSEX), situada no Rio de Janeiro, recebe, por sua vez, mulheres até 37 anos

30. *Escola de Administração do Exército (EsAEX). Instruções aos Candidatos ao Concurso de Admissão/97 ao Curso de Formação de Oficiais/98 do Quadro Complementar.* As demais informações sobre a EsAEX foram obtidas junto à sua direção, através do seu Comandante, Coronel Luís Sérgio Melucci Salgueiro, e do Chefe da Seção de Ensino de Informática, Tenente-Coronel Celso Jaloto Avila Junior. Estendo meus agradecimentos ao General Oacyr Minervino Pizzotti e ao Tenente-Coronel Claudio Skora Rosty, que também forneceram subsídios para a elaboração desta parte do texto onde apresento informações sobre as opções profissionais oferecidas pelo Exército à mulher brasileira.

31. *Exército Brasileiro.* Brasília: Centro de Comunicação do Exército (CCOMSEX), 1997, p. 27

32. *Revista Verde Oliva.* Brasília, nº 149, maio/junho de 1996, p. 4-5.

33. *Exército Brasileiro.* Loc. cit., p. 21 e 26. *Revista Verde Oliva.* Brasília, nº 157, setembro/outubro de 1997, p. 28-29.

de idade graduadas nas áreas de Enfermagem, Medicina, Odontologia, Farmácia e Veterinária. Elas passam a integrar, no final do curso, o Serviço de Saúde do Exército e, caso prossigam na carreira militar, poderão servir nas unidades de tropa, nas policlínicas, nos hospitais e demais organizações de saúde do Exército, tendo a possibilidade de ocupar o posto de coronel.³¹ Para médicas, farmacêuticas, dentistas e veterinárias o Exército Brasileiro abriu, também, através da Portaria nº 322, de 02 de junho de 1995, uma nova frente de trabalho, qual seja, o *Serviço Militar Feminino Voluntário*, que pode ser exercido pelo prazo máximo de nove anos. No processo de seleção são observadas as seguintes prioridades: a) solteiras ou viúvas sem dependentes e, entre elas, as mais jovens; b) casadas e mulheres com dependentes e, entre elas, as de menores encargos de família. Os números referentes ao ano de 1996 demonstram que, dentre os 2.232 profissionais convocados nas 12 Regiões Militares do País, 635 são mulheres. Nesse total estão 303 dentistas, 218 médicas, 104 farmacêuticas e 10 veterinárias.³² Todas iniciaram a carreira militar como 2º te-

nente do Exército e chegarão, no máximo, ao posto de primeiro-tenente.

O Instituto Militar de Engenharia (IME), localizado no Rio de Janeiro, é o legítimo herdeiro da Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, fundada em 1792. Suas vagas, em qualquer nível de graduação e pós-graduação, são muito disputadas entre homens e mulheres.³³ Engenharia civil, eletrônica, mecânica, metalúrgica e química, Engenharia de comunicações, Cartografia são os cursos oferecidos para brasileiras solteiras, de 16 a 21 anos de idade, que já concluíram ou estão concluindo o 2º grau. A partir de sua admissão a jovem passa a exercer o posto de segundo-tenente do Exército e, no futuro, poderá chegar a coronel. A possibilidade de integrar o *Quadro de Engenheiros Militares* existe para aquelas graduadas nas áreas acima mencionadas, obedecido o limite de 26 anos de idade. As moças que optam pelo ingresso nesse Quadro começam a carreira como primeiro-tenente do Exército, tendo, também, a oportunidade de ocupar, um dia, o posto de coronel.

O pioneirismo, contudo, cabe à Marinha brasileira. Já

em 07 julho de 1980 foi criado, através da Lei nº 6.807, regulamentada pelo Decreto nº 85.238, de 07 de outubro do mesmo ano, o *Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha (CAFRM)*, por iniciativa do então Ministro da Marinha Maximiniano Eduardo da Silva Fonseca. Integram esse *Corpo* o *Quadro Auxiliar Feminino de Oficiais (QAFO)*, o *Quadro Auxiliar Feminino de Praças (QAFP - Sargento)* e o *Quadro Auxiliar Feminino de Praças (QAFP - Cabo)*. As candidatas aprovadas nos cursos e estágios de adaptação, ministrados após o processo seletivo, podem ser convocadas para o serviço ativo por um período inicial de três anos, ocasião em que desfrutam das mesmas honras, direitos, prerrogativas, deveres, responsabilidades e remuneração peculiares aos seus companheiros de arma. Ao oficial ou praça do *Corpo*

Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha poderá ser facultado o direito, depois de nove anos em atividade, de permanência definitiva nesse serviço.³⁴

Todos os cursos são realizados no Rio de Janeiro. Para o QAFO são exigidos diploma de nível superior e idade inferior a 33 anos. As candidatas permanecem sob o regime de externato, durante quarenta semanas, na condição de guarda-marinha. Finda essa etapa são contempladas com o posto de 2º tenente da reserva da Marinha, podendo atingir o de capitão-de-mar-e-guerra. O diploma de 2º grau é a condição necessária para o acesso ao QAFP - *Sargento* e ao QAFP - *Cabo*. Há limite de idade para ambos, isto é, a pretendente deve ter, respectivamente, mais de 17 e menos de 27 e mais de 17 e menos de 24. Aqui também prevalece, durante a fase preparatória, o regime de externato; porém, sua duração é de apenas quatro meses. Concluída, com êxito, essa fase, as postulantes ao QAFP - *Sargento* são consideradas 3º sargento da reserva da Marinha, com possibilidade de galgar o oficialato. Atingem a condição de marinheiro as jovens que ter-

minarem o curso QAFP - *Cabo*.³⁵

As promoções no QAFO são feitas nas mesmas épocas fixadas para os oficiais da ativa das Forças Armadas. O Ministro da Marinha é o responsável pelo preenchimento das vagas de primeiro-tenente e de capitão-tenente, ambas concedidas pelo critério de antigüidade, cabendo ao Presidente da República o provimento dos postos de capitão-de-corveta e capitão-de-fragata. A mulher pode atingir esse último posto de uma só maneira, isto é, por merecimento.³⁶ Aquela diplomada em Engenharia, Medicina, Odontologia e Farmácia, com menos de 33 anos de idade, tem, ainda, a opção de tentar uma vaga no *Corpo de Engenheiros e Técnicos Navais (CETN)* ou no *Corpo de Saúde da Marinha (CSM)*. Esses dois cursos, realizados também no Rio de Janeiro, sob a forma de externato, são de quarenta semanas e concedem às suas alunas o posto de 1º tenente. Aqui a possibilidade de ascensão é ainda maior, pois a legislação em vigor prevê a possibilidade de haver, no Brasil, uma vice-almirante.³⁷ Nada mais justo. E por que não, no futuro, uma almirante?

34. *Boletins do Ministério da Marinha*, números 31 e 42 de 01 de agosto e 17 de outubro de 1980. O material sobre a Marinha Brasileira foi gentilmente cedido e cedido pelo Comandante Dino Willy Cozza.

35. *Diretoria de Ensino da Marinha*: <http://www.mar.br/~densm/ensino.htm>.

36. *Boletim do Ministério da Marinha*, nº 31, de 01 de agosto de 1980.

37. *Diretoria de Ensino da Marinha*: <http://www.mar.br/~densm/ensino.htm>.

Uma outra interessante medida tomada pela Marinha Brasileira foi a abertura, em 1997, para o segmento feminino, da *Escola de Oficiais da Marinha Mercante (EFOMM)*, situada em Belém do Pará. Após o término do curso, que tem a duração de quatro anos, a formanda é nomeada Praticante e, após estágio de seis meses no Centro de Instrução Almirante Graça Aranha (CIAGA), no Rio de Janeiro, torna-se 2º oficial de Náutica ou de Máquinas, estando habilitada, assim, a tripular as embarcações mercantes nacionais. Nesse mesmo ano, a 1ª Tenente (Cirurgiã-Dentista) Virgínia de Oliveira Aragão e a 1ª Tenente (Médica) Betânia Cássia de Ribeiro Pena participaram, a bordo do Navio de Assistência Hospitalar (NasH) *Carlos Chagas*, das ações de saúde desenvolvidas junto aos pólos estabelecidos na

Amazônia.³⁸ Louvável, sem dúvida, esse conjunto de atitudes da Marinha Brasileira, a qual chega a admitir, em seu informativo, que, durante um estágio misto de adaptação realizado no Grupamento de Fuzileiros Navais de Belém, quatro mulheres, em um grupo de dez, conseguiram obter as melhores classificações.³⁹

Penso ser oportuno lembrar, ainda, que a Academia da Força Aérea, localizada em Pirassununga (São Paulo), mantém um curso aberto para cadetes do sexo feminino, que recebem, além do treinamento em ciência e tecnologia moderna da gestão econômico-financeira, instruções para o desempenho de serviços vinculados à intendência e ao suprimento técnico. O curso tem a duração de quatro anos e toma como premissa as palavras *Coragem, Lealdade, Honra, Dever e Pátria*.⁴⁰ Segundo o antigo Comandante da AFA, Major-Brigadeiro José Carlos Pereira, o desempenho das jovens, inclusive durante os treinamentos militares, tem superado as expectativas.⁴¹

Não possuímos uma tradição de participação militar feminina, como ocorre no Reino Unido e nos Estados

Unidos, por exemplo. Mas devo lembrar que, no primeiro país, conforme informações recolhidas em 1995 pela socióloga portuguesa Helena Carreiras, continua vedado à mulher o acesso a um conjunto de funções em diferentes áreas. Assim, no âmbito do Exército, permanecem como atividades exclusivamente masculinas aquelas vinculadas ao *Royal Armoured Corps* (infantaria e blindados) e, no da Marinha, as que dizem respeito ao *Royal Marine Commandos* (submarinos e fuzileiros). Os homens dominam, também, com exclusividade, o célebre *Regimento da Royal Air Force*. Ainda mais. No segundo, as restrições não foram totalmente abolidas, apesar da implementação, pelo Congresso norte-americano, do *92-93 Defense Authorization Act*, promulgado em abril de 1993, e que recaiu sobre a aviação, os navios de combate e as colocações em terra.⁴² A legislação, entretanto, tem sido superada pela realidade. A Guerra do Golfo, como é sabido, demonstrou a impossibilidade de distinguir funções de apoio e envolvimento no combate direto, revelando que os cenários onde se desenvolvem os grandes conflitos

38. *Nomar Serviços de Relações Públicas da Marinha*. Brasília: XXI (658): 15 de abril de 1997.

39. Idem.

40. Escola de Especialistas da Aeronáutica: <http://www.mat.ufrgs.br/~rudnei/FAB/por/eear.html>.

41. Esta informação foi colhida durante um seminário sobre o ensino de História Militar, realizado, nas dependências da AFA, em outubro de 1997.

42. Carreiras, Helena – *Mulheres nas Forças Armadas Portuguesas*. Prefácio da Maria Carrilho. Lisboa: Edições Kosmos, 1997, p. 245-247 e 250-252.

mundiais funcionam como verdadeiros laboratórios de experimentação para os segmentos femininos integrados às três Armas.

As informações sobre a participação feminina nas Forças Armadas brasileiras contidas neste texto, ainda que incompletas, prenunciavam a emergência de um novo campo de pesquisa. Na verdade, chegamos ao fim da década e de um século sem nos dar conta de que invadimos, por absoluta competência, ambientes altamente masculinizados. Falta-nos respostas para várias perguntas porque, neste caso, não sabemos nem mesmo enunciá-las. Particularmente, tenho a nítida impressão de que relegamos a um plano secundário nossas companheiras, que resolveram ganhar a vida atuando em setores antes destinados aos homens, simplesmente porque excluímos do debate acadêmico as atividades cotidianas inerentes à Marinha, à Aeronáutica e ao Exército. É hora de aniquilar esse monstro

cujos tentáculos procuram esmagar os que resistem à pregação política barata e que, vulgarmente, conhecemos sob o nome de *patrulhamento ideológico*.

Ignoro se temos, em nossas Forças Armadas, problemas como os surgidos, por exemplo, nos Estados Unidos da América do Norte, os quais levaram a deputada democrata Carolyn Maloney ao desabafo:

*Nós estamos engatinhando no campo da integração sexual nas Forças Armadas e os preconceitos ainda são poderosos. Os conflitos são frequentes e será preciso muito esforço para corrigirmos as distorções.*⁴³

Seria uma ilusão julgar que essas *distorções* inexistem no Brasil. Posso lhes garantir, entretanto, desde já, que elas não estão, preferencialmente, *no campo da integração sexual*. É no âmbito do convívio social que nossas Marias Quitérias encontram os maiores obs-

táculos para sua realização como militares. Mas elas são tantas e, igualmente, tantas as *guerras* nas quais se envolvem, que se torna imperioso estender o olhar para o interior dos quartéis. Para isso, todavia, é preciso que o nosso conceito de cidadania seja ampliado. O direito de uma mulher ganhar a vida na caserna deve ser respeitado e incentivado. Este não é um libelo feminista, e sim o de uma pesquisadora e professora que vê as nossas Forças Armadas como parte integrante da sociedade. Somos todas brasileiras, como é, também brasileira, aquela tenente que conheci dias atrás e a qual, em uma conversa informal, confessou que perdeu algumas amizades quando se tornou pública sua opção pela Aeronáutica. Pergunto, para finalizar: quem vai cruzar os braços e deixar que continuem lhe atirando, injustamente, inúmeras pedras? Quantas companheiras estão prontas para esse belo combate? 

43. Texto citado por Osmar de Freitas Junior no artigo "Fardas em Maus Lençóis." Revista *Isto é*. Rio de Janeiro de 1997 (<http://www.zaz.br/istoe/internc/144623.htm>).